



APRESENTAÇÃO DE DOSSIÊ

Cruzando diferenças nos Nordeste Brasileiros: novas agendas de pesquisa em gênero e sexualidade

É inegável a ampliação do campo dos estudos de gênero e sexualidade nos últimos anos. Esse crescimento vem sendo mapeado por alguns balanços da literatura que apontam tendências e mudanças relacionadas a essa produção (CITELI, 2005; AQUINO, 2006; FACCHINI, 2013). É consenso nesses balanços situar o final da década de 1970 e início da década de 1980 como um período de surgimento desses estudos associado a um avanço progressivo, no âmbito acadêmico, de trabalhos que visavam produzir um entendimento mais estreito de grupos urbanos considerados desviantes por suas condutas e comportamentos sociosexuais, tais como os homossexuais e as prostitutas (GASPAR, 1985; FRY, 1982; FRY & MACRAE, 1985), bem como em razão de suas práticas, classificações, formas de sociabilidade e estilos de vida (GUIMARÃES, 2005). Esses balanços também situam a eclosão da epidemia de HIV/aids como um momento de legitimação desse campo de estudos (AQUINO, 2006).

É possível afirmar ainda que esses trabalhos são o resultado de uma combinação entre produção de conhecimento e ativismo político agenciado pelo surgimento dos “novos movimentos sociais” no período de redemocratização da sociedade brasileira. Ainda na década de 1960, o movimento feminista passaria a produzir uma ampla quantidade de estudos sobre temas como a participação da mulher na força de trabalho, a divisão sexual do trabalho, a família patriarcal etc (LOYOLA, 2000). Uma característica marcante desses trabalhos é sua vinculação com o marxismo e com uma ideologia igualitária que emerge entre as camadas médias urbanas. Essa percepção de igualdade estava associada às mudanças culturais e comportamentais que ocorriam, como a revolução sexual, o advento da pílula e as ideias libertárias propagadas pelo movimento hippie, tendo os Estados Unidos e a Europa como epicentros.

Nos estudos sobre as (homo)sexualidades, o trabalho de maior fôlego e repercussão nesse momento foi *Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*, do professor Peter Fry. Nesse trabalho, Fry analisa as representações sobre a



homossexualidade na cultura erótica de alguns contextos brasileiros. Ele sugere dois modelos classificatórios adotados no Brasil para organizar a homossexualidade, o “hierárquico” e o “igualitário”. A construção desse modelo interpretativo possibilitou a desessencialização da homossexualidade, ressaltando, sobretudo, o seu caráter histórico e cultural. Esse trabalho marca, ainda, uma “passagem” definitiva, na qual a homossexualidade é retirada do campo dos saberes médicos e conseqüentemente incorporada ao campo da Antropologia.

Igualmente importantes foram as questões trazidas por um intelectual argentino (mestrando da UNICAMP na época) que antecipariam debates hoje considerados centrais nas Ciências Humanas. A preocupação com os chamados *michês* ou garotos de programa da região central da cidade de São Paulo foi, sem sombra de dúvida, fundamental para propor reflexões pioneiras sobre corpo, sexualidade, territorialidades e construção de modelos de masculinidades operacionalizadas pelo autor argentino em sua análise (PERLONGHER, 1987).

Essas contribuições influenciaram toda uma geração de estudiosas e estudiosos responsáveis pelo amadurecimento desse campo de estudos no país. Nos últimos anos temos assistido a um crescimento expressivo das produções científicas que se dedicam a analisar a maneira como o cruzamento de distintos eixos de diferenciação e desigualdades produzem e materializam formas de classificação de sujeitos, desejos, erotismos, desvantagens, violências e agenciamentos. Muitas dessas pesquisas têm se concentrado no eixo Rio-São Paulo, onde, também, se destacam a presença de núcleos, pesquisadoras/es e linhas de pesquisa relacionadas à consolidação dessa forma de abordagem.

Com a expansão do ensino superior no Brasil, regiões brasileiras geograficamente distantes desses grandes centros urbanos passaram a receber instituições de ensino que têm produzido um volume significativo de pesquisas nos locais em que estão sediadas¹. A abertura de novas vagas para docentes nessas instituições também colaborou para a diversificação temática e a construção de novas agendas de pesquisas relacionadas a gênero e sexualidade nessas instituições. Como reflexo dessa dinâmica é possível observar um conjunto crescente de

1 É importante destacar o protagonismo de pesquisadoras e pesquisadores inseridos em instituições como UFBA, UFS, UFPE, UFSC, UFRN, UFRB, UFG e UFRGS, que têm produzido um conjunto importante de trabalhos relacionados a gênero e sexualidade fora do eixo Rio-São Paulo.



publicações reunidas em dossiês temáticos em revistas especializadas e de debates em Grupos de trabalho organizadas em eventos importantes do campo das Ciências Sociais como os Encontros Anuais da ANPOCS.

Em um primeiro dossiê temático intitulado “Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interioranos e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas. Novos descentramentos em outras axialidades” publicado pela *ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste* (UFMT), em 2016, Estêvão Fernandes, Fabiano Gontijo, Martinho Tota e Moisés Lopes chamam a atenção para a fortuna teórico-metodológica dos estudos rurais e de gênero e sexualidade na antropologia brasileira. Os autores afirmam, contudo, haver um desencontro entre esses dois campos de estudos, o que promove a invisibilidade das experiências e sentidos relacionados a gênero e sexualidade em contextos não urbanos.

Para estes autores, existe uma necessidade urgente de construir na tradição dos estudos de gênero e sexualidade, projetos de pesquisa que busquem analisar esse “pluriverso de afetos, sexualidades e desejos sem, necessariamente, adequá-lo ao conjunto de jargões, os quais, por conta das redes que constituem o campo dos estudos do gênero e sexualidade no país, tornaram-se gastos ou pouco adequados” (ESTÊVÃO *et al*, 2016, p. 12).

Ainda em 2016, um novo investimento desses autores resultou na publicação do dossiê “Experiências da Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interioranos ou Periferizados e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas: novos descentramentos em outras axialidades” pela *Amazônica: revista de antropologia* (UFPA). Nele, os autores propõem uma ampliação do olhar para questões as quais os estudos de gênero e sexualidade tradicionalmente não têm dedicado sua atenção.

Em 2019, Rafael Noleto, Claudia Turra Magni e Flávia Rieth coordenaram o dossiê “Cidades do interior, interior das cidades” na revista *Ponto Urbe* (USP) cujo foco era enredar o debate sobre os interiores no conjunto das pesquisas da “antropologia na/da cidade” fazendo emergir nos oito artigos que compunham o dossiê esse “urbano interior”.

Os silêncios em torno dos estudos de gênero e sexualidade em contextos interioranos e/ou rurais foram novamente retomados como argumento no dossiê “Dissidências de gênero e sexualidade(s) em



contextos interioranos e/ou rurais: cruzando temas, problemas e perspectivas contemporâneas” publicado pela *Revista Debates Insubmissos*, em 2020. Nesse dossiê, as/os autoras/es propõem um deslocamento do olhar para incluir, inclusive, produções em contextos da América Latina.

No 43º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS (2019), as professoras Elisete Schwade e Silvana de Souza Nascimento, coordenaram o Simpósio Temático “Ciências Sociais pelos interiores: novas cartografias de pesquisa em gênero e diversidade sexual no Brasil”. Nele, foram apresentados treze trabalhos vinculados a pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições que desenvolvem suas investigações nos interiores do País. No 44º Encontro anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS (2020), o foco nos interiores brasileiros ganhou destaque nos quatorze trabalhos reunidos no “GT Gênero e Sexualidade pelo interior do Brasil: fronteiras e cartografias” coordenado pelas mesmas pesquisadoras. Essas iniciativas revelam a pluralidade dos temas que compõem as investigações apresentadas, a diversidade regional e a contribuição que estas pesquisas trazem à produção de conhecimento das Ciências Sociais brasileiras.

Dialogando com essa nova geografia da produção intelectual articulada às agendas de pesquisa com foco nas teorias interseccionais e decoloniais, este dossiê propôs reunir trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores que tomaram os Nordeste brasileiros como espaços privilegiados de construção de suas pesquisas. Buscou-se, assim, refletir como esses territórios estruturam formas específicas de produção das diferenças, desigualdades, resistências e formas de agenciamento, e contribuem para dar visibilidade aos problemas de ordem social investigados. O foco desse dossiê também recaiu sobre as dificuldades e potencialidades encontradas por investigadoras e investigadores para realização de suas pesquisas nesses diversos Nordeste.

Os doze artigos aqui reunidos abrangem temas como performances de gênero, formas de violência, trajetórias, pedagogias, sociabilidades, consumo e sexualidades dissidentes que expressam formas específicas de olhar os Nordeste. As diferentes performances e expressões de gênero são focalizadas em três artigos desse dossiê. O trabalho *Narrativas aguendadas: (micro)políticas de negociação estabelecidas por uma estudante trans* no Ensino Superior de*



Alfrancio Ferreira Dias e Madson de Santana Santos partem da trajetória de uma estudante trans* do curso superior de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (Campus do interior) para compreender as possibilidades de (re)existência e (re)negociações das aprendizagens de gênero nessa universidade a partir do processo de *aquendar-se* e *desaquendar-se*.

No artigo *O (des)acesso de pessoas transgêneras aos serviços de saúde do Recôncavo Baiano* de Helena Moraes Cortes, Paula Hayasi Pinho, Ligia Maffei Carnevalli e Lorena Moura Pontes Araújo analisam o acesso de pessoas transgêneras aos serviços de saúde em uma cidade do Recôncavo da Bahia. Em *Performances de gênero no Maracatu Rural pernambucano: travestilidade masculina em um folguedo popular*, Anderson Vicente da Silva problematiza a relação entre cultura popular, gênero e sexualidade a partir das performances do Maracatu Rural que ocorre em Nazaré da Mata, Pernambuco.

A relação entre consumo, sociabilidade e territórios aparece em dois trabalhos do dossiê. No artigo *Os usos de aplicativos de relacionamento: intersecções entre gênero, sexualidade e raça no Recôncavo Baiano*, Marco Antonio Vieira de Oliveira Paranhos e Maria Salete de Souza Nery focalizam o consumo de aplicativos de relacionamento entre homens com “condutas homossexuais” em cidades do Recôncavo da Bahia.

Os paredões de som em Canaan, interior do Ceará, é o cenário etnográfico do artigo *“Esquemas” de pista de terra batida: paredões de som, consumo e sociabilidades em cidades de pequeno porte* de autoria de Marcos Andrade Alves dos Santos e Roberto Marques. Nele, os autores analisam como corpos, erotismos e ritmos ressignificam compreensões sobre sentimentos de identificação e liberdade entre os jovens que frequentam esses paredões.

As intrincadas relações entre gênero, sexualidade, violência e agência aparecem em quatro artigos do dossiê. No trabalho *Sufrimento, família e homossexualidade: um estudo com estudantes universitários do Recôncavo da Bahia*, Thiago Barcelos Soliva, Marcus Vinicius Silva Santiago Silva e Marcos Vinicius Nery Damasceno analisam a produção de narrativas sobre sofrimento, violências e silêncios relacionados à gestão da homossexualidade na trajetória de vida de jovens gays estudantes universitários em Santo Antônio de Jesus, Recôncavo da Bahia.



A trajetória de sete mulheres usuárias de drogas na cidade de Teresina, Piauí, é focalizada no artigo *Entre elas: ser e viver mulher usuária de substâncias psicoativas* de Sara Alves Henriques e Lucia Rosa, os resultados revelam a complexidade das percepções sobre questões como família, sistema patriarcal e substâncias químicas.

Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa, José Maria Valcuende Del Río, Elielma Santos Macedo, Leila Oliveira Silva analisam no artigo *Violências domésticas, vivências e dificuldades no Semiárido Nordeste*, as características dos crimes tipificados como violência doméstica em dois municípios do sertão do Estado de Sergipe. As/os autoras/as fizeram uma análise minuciosa de documentos oficiais, além de realizar entrevistas com mulheres em situação de violência. Os resultados apontam para os sofrimentos, cuidados, dificuldades e potências invocadas por mulheres e profissionais para lidar com esta problemática na região.

O artigo intitulado *Enfrentamento da violência contra as mulheres no Município de Garanhuns – Pernambuco: entre resistências, afetos e cuidados*, de autoria de Patricia Ivanca de Espíndola Gonçalves, Jorge Lyra e Mirella de Lucena Mota traz ao debate as experiências de instituições no combate e enfrentamento à diversas formas de violências que atingem mulheres em uma cidade de porte médio do interior pernambucano.

Em *Mãe Maré, o mangue vai acabar? Processos de subjetivação e políticas da mariscagem*, Michele de Freitas Farias de Vasconcelos, Yasmin Adriane Mendonça da Rocha e Sandra Raquel de Oliveira Santos focalizam o cotidiano das mulheres do mundo do mangue, enfatizando as estratégias de (re)existências por elas protagonizadas.

Na seção dedicada às pedagogias de gênero destacamos três artigos. No primeiro, “*Mulher tem mais facilidade para coisa artística, organização, trabalhos didáticos*” - *Produção de masculinidades e estratégias pedagógicas nos anos iniciais na roça*, os/as autores/as, Antonio Jeferson Barreto Xavier, Fernando Seffner e Maria Carmen Silveira Barbosa apresentam dados etnográficos sobre as práticas pedagógicas de professores homens que atuam nos Anos Iniciais em escolas situadas em região rural do Estado da Bahia. A pesquisa destaca as tensões que se constituem para o desenvolvimento de práticas pedagógicas em contexto que envolve as ruralidades, as masculinidades e a infância. O segundo artigo denominado *As brincadeiras infantis em*



comunidade periférica da cidade de Maceió-AL: as relações de gênero em questão, de Alana Madeiro de Melo Barboza, Paula Orchiucci Miura, Adélia Augusta Souto de Oliveira e Heliane de Almeida Lins Leitão, apresenta dados de investigação sobre estereótipos e relações de gênero constituídas a partir da ludicidade no espaço escolar da educação infantil. Por fim, o terceiro e último artigo elaborado por Linda Brasil Azevedo Santos, Ann Letícia Aragão Guarany e Lívia de Rezende Cardoso, intitulado *Gênero, Sexualidade e Currículo: mapeamento das pesquisas acadêmicas no Nordeste brasileiro*, traz uma importante investigação no campo da educação sobre produções acadêmicas realizadas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* da região Nordeste do Brasil, presentes na plataforma digital BDTD. As autoras destacam um rico referencial sobre gênero, sexualidade e currículo, incorporando os elementos teórico e metodológicos às análises realizadas dos dados obtidos.

Por fim, é possível afirmar que a produção desse dossiê representa as potencialidades das pesquisas realizadas *no e sobre* os Nordeste do Brasil, região rica em cultura, política, história, diversidades, solidariedades e muita luta. A interiorização da Educação Superior intensificou essa produção científica e educacional conferindo voz à cientistas, jovens e a comunidade local sobre problemas que antes eram tratados no âmbito de centros e grupos de pesquisa situados nas capitais e cidades de grande porte do País. Portanto, é com muita satisfação que ajudamos a escoar esse conhecimento situado sobre temas variados que envolvem as temáticas de gênero e sexualidades nos Nordeste do País.

Thiago Barcelos SOLIVA

Patrícia Rosalba Salvador Moura COSTA

Referências

AQUINO, Estela. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. especial, p. 121-132, agosto/2006.

ANPOCS, 43^o Encontro Anual da ANPOCS. In: Portal das Ciências Sociais Brasileiras. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/43->



[encontro-anual-2019/2750-encontros-anuais/43-encontro/2263-caderno-completo-da-programacao](#), acesso em 18 de janeiro de 2021.

CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo e PILON, Ana Cláudia. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n.1, p. 161-193, janeiro-junho/2013.

FERNANDES, Estêvão; GONTIJO, Fabiano; TOTA, Martinho e LOPES, Moisés. Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interioranos e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas. Novos descentramentos em outras axialidades – Apresentação. *Aceno*, Cuiabá, v. 3, n.5, p. 10-13, janeiro-junho/2016.

FERNANDES, Estêvão; GONTIJO, Fabiano; TOTA, Martinho e LOPES, Moisés. Apresentação. *Amazônica: revista de antropologia*, Belém, v.8, n.1, p. 9-12, 2016.

FRY, Peter. Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____ & MACRAE, Eduard. *O que é homossexualidade?* Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1985.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LOYOLA, Maria Andréa. A antropologia da sexualidade no Brasil. *Revista Physis*, Rio de Janeiro, n. 10, 2000.

NOLETO, Rafael; MAGNI, Claudia Turra e RIETH, Flávia. Cidades do interior, interior das cidades: apresentação. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 24, p. 1-4, 2019.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do; MORAES, Lorena Lima de e CAETANO, Marcio. Apresentação



Número Especial Dissidências de Gênero e Sexualidade(s) em Contextos Interioranos e/ou Rurais: Cruzando Temas, Problemas e Perspectivas Contemporâneas. *Revista Debates Insubmissos*, Caruaru, v. 3, n.9, p. 6-11, 2020.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.